

# vizinhos

**Daniel Franco<sup>1</sup>**

Com vista para a rua através de um portão de grades, o alpendre de nossa casa reúne uma miscelânea de plantas domésticas em diferentes estados de agonia e sede: samambaias, hortênsias, espadas de São Jorge, roseiras, lírios. Ainda no alpendre, há um pequeno oratório. Luciana optou por uma Nossa Senhora de Lourdes, que adquirimos no Mercado Central, num estabelecimento que também vende cestas, cadeiras de vime e diversos ícones e apetrechos para celebrações que abrangem e ultrapassam as fronteiras do cristianismo. Ali é possível encontrar, por exemplo, velas negras e vermelhas, demônios com chifres e patas de bode.

Como os fantasmas, os vizinhos são audíveis quando menos se espera – uma risada que reverbera quando a noite é cristal; o murmúrio da conversa entre duas crianças mortas – ou quando precisamos de encarecido silêncio, o que abala os nervos e põe a perder qualquer razoabilidade. No princípio, os vizinhos da casa à direita não são mais do que a lâmpada da cozinha acesa às oito horas da noite; depois, com alguma atenção, é possível escutar as vozes durante as refeições; e não demora até que surjam outros rumores e vestígios – brigas pela preferência de ir ao banheiro, os gritos da mulher, uma porta que bate com um eco de cadafalso, luzes que demoram a se apagar, luzes que em certas noites não são sequer acesas.

A velha da casa à esquerda, ao passar diante do alpendre e vendo amontados de folhas amarelas e punhados de pó ao redor dos vasos, revoltou-se. “A sua finada avó está a se remoer no túmulo. Ela cuidava do alpendre como um brinco, com os ladrilhos sempre a brilhar, com as plantas sempre regadas”. Luciana se

---

<sup>1</sup> Poeta e prosador com livros publicados em Portugal no Brasil, dentre os quais *Identidade* (Editora Urutau, 2017), prêmio Jabuti na categoria poesia; *A Invenção dos Subúrbios* (Edições Jabuticaba, 2018); *O Velho Que Não Sente Frio e Outras Histórias* (Edições Jabuticaba, 2020) e *O Livro de Martim*, (Edições Jabuticaba, 2022). Email: danielfrancoy.df@gmail.com.

impacientou. Respondeu que ninguém devia satisfações a ela. A velha ficou meses sem olhar na nossa cara.

Barulho de água, corpos mergulhando. Então eles têm uma piscina. Fumaça de churrasco contra o azul que o calor desbota no horizonte. Eles não se incomodam com os cães latindo. Gostam de bichos. São boa gente. Às vezes, é possível escutar um cachorro do outro lado do muro – um latido de cachorro pequeno, comprado em pet shop. Um maltês? Um lhasa apso? E então o animal fica semanas em silêncio. É natural que um cachorro deixe de latir por tanto tempo? Vejo de relance a mãe e a filha. A filha parece muito jovem, onze, doze anos de idade. Noutro dia, vejo-as novamente. A filha parece ter envelhecido alguns anos, aproximando-se da idade dos quinze. A mãe tem um símbolo do infinito tatuado no pulso direito. Numa manhã de sábado, estou caminhando até a padaria e passo diante da casa bem quando a menina está saindo. Descalça. Ela segue dois ou três passos à minha frente. Cai. Curvo-me para socorrê-la. O que primeiro percebi foram as ataduras em torno dos pulsos. Apertei a campainha da casa. A mãe apareceu: desvairada, atônita. A adolescente, deitada no chão, prescindia de qualquer pudor, com os seios escapando pela lateral da camiseta cavada, lânguidos.

Quando Luciana perguntou se havia uma Nossa Senhora de Lourdes, a balconista, uma mulher gorda, de cabelos tingidos de vermelho, disse não saber. Então caminhou até os fundos da loja, pôs-se a remexer entre os cestos de vime e os artefatos demoníacos. “É a última”, disse. Na volta para casa, Luciana estava preocupada em colocar no oratório uma imagem que não foi consagrada. “Mas você odeia padres, eu odeio padres – combinamos nunca batizar os nossos filhos, então por que faríamos diferente com um boneco de gesso?” Tal argumentação bastou para que a gente passasse a exibir, no oratório, uma santa impura.

O parque Maurílio Biagi, por exemplo. Com uma pista de corrida e uma ciclovia, não demorou até o lugar se tornar um dos pontos mais frequentados da cidade. Um riacho de águas barrentas divide o parque. As margens, pedregosas, recebem variados animais. Os mais belos são as garças com lama respingada nas asas. Havia capivaras vindas dos canais que desaguam no riacho. Quantos carrapatos esses animais imundos trouxeram ninguém pode estimar; uma praga que se alastrou pelo parque e, logo, por todo o subúrbio. O parque foi interditado, mas

a municipalidade não conseguiu terminar com a epidemia. O parque foi reaberto com a seguinte placa fixada nos seus portões de entrada, à la Inferno da “Divina Comédia”: “O carrapato pode transmitir doenças. O munícipe, ao ingressar, está ciente dos riscos que corre”.

As capivaras, ao menos, foram sacrificadas.

Insistimos e continuamos a cultivar flores de verdade. Dia sim, dia não, puxamos a mangueira até o alpendre e regamos todas as plantas. É difícil organizar os vasos de forma que, considerando a natureza de cada planta, ela receba a quantidade certa de sol e de sombra. Todas as hortênsias morreram numa única semana. Os antúrios vermelhos, que parecem gostar do calor, alcançaram um inimaginável esplendor; um vermelho carnudo, cintilante, e – ousarei dizer? – sensual. Tornaram-se antúrios dignos de receber um elogio proferido pela vizinha da esquerda, que certa tarde, num gesto conciliatório após a desavença de meses atrás, disse que estavam bonitos como flores de plástico.

Numa manhã de domingo, um fato asqueroso. Encontrei um preservativo usado em nosso quintal. Retirei-o do chão com um papel higiênico. “Não pode pertencer ao pai”, disse, e insisti que foram aventuras da adolescente possuída. Ainda lamentei: “há diversos outros modos de se livrar, com discrição, de um preservativo usado”.

Vem a doença transmitida pelos mosquitos. Vêm os fetos malformados pela doença transmitida pelos mosquitos. Vivemos nas intermitências do pânico. A Vila Tibério é imunda, com muitos riachos de água podre, muitos terrenos baldios com lixo acumulado, com o parque Maurílio Biagi insalubre como um pântano putrefato. Os mosquitos procriam no interior dos quintais imundos. O que de piedoso ainda sentimos pelo vizinho da direita sucumbiu ante uma simples visão de sua piscina: as águas turvas, esverdeadas, com besouros boiando entre as folhas secas, com os mosquitos em alvoroço como em torno de uma carniça líquida.

O meu desejo de anarquia é subterrâneo. Quando criança, com todos dormindo, muitas vezes ia até ao fundo do quintal. Trazia comigo um copo ou um prato e o arremessava sobre os telhados. Esperava o momento da queda: uma rachadura no cristal da noite e do sono. Logo após o estrépito, voltava para o quarto, ofegante, inocente. Lançava-me sob as cobertas, apagava as luzes, e a estridência

da louça se quebrando persistia em mim. É estranho voltar a esses sentimentos agora. Houve várias tentativas de contatar a prefeitura para que a municipalidade limpasse ou esvaziasse a piscina. Primeiro o poder público afirmou que a sua atuação encontrava limites no direito à propriedade privada. Depois, quando lembrada do princípio administrativo segundo o qual o interesse público prevalece sobre o particular, a prefeitura afirmou que adotaria as medidas necessárias, mas nunca tomou qualquer atitude. Acabei por pousar uma escada junto ao muro e, de maneira obsessiva, passei a espreitar a casa abandonada. Saltar para o outro lado, esvaziar por conta própria a piscina, é algo que nunca arrisquei. O muro é alto, com cacos de vidro encrustados no topo. Munido de pedras, eu me limito a quebrar as vidraças da residência. O meu vandalismo não me permite atear fogo a uma casa abandonada.

Lembro-me de quando ainda viviam no outro lado do muro, quando eu via as suas luzes acesas até tarde da noite, quando ouvia as suas vozes. Gente boa que gostava de cachorros e que não incomodava. E já nesses dias eu sentia algo como uma gênese do ódio. Talvez, entre nós, odiar seja o verbo verdadeiramente intransitivo, embora agora eu experimente a aleijada pulsão do perdão, da empatia. Um homem que não consegue sepultar os seus cadáveres: não consigo imaginar ninguém mais pobre, ninguém mais miserável, *e ninguém mais egoísta*, acrescento, sentindo o ódio retornar, rápido como um peixe dentro de um aquário de águas negras.